

FRED

SANDBACK



[CAPA]
FRED SANDBACK
*UNTITLED (SCULPTURAL
STUDY, LANNAN
FOUNDATION MIKADO),*
C. 1999/2011.

Lã acrílica preta, relações
espaciais estabelecidas pelo
artista, dimensões variáveis.
Vista da instalação, galeria
Akira Ikeda, Berlim, 2011.
Foto: Marcus Schneider.
Cortesia Akira Ikeda Gallery.

VISTA DE INSTALAÇÃO
NA MOSTRA *FRED
SANDBACK: PLASTISCHE
KONSTRUKTIONEN,*
GALERIA KONRAD FISCHER,
DÜSSELDORF, 1968.

NA UNIDADE DAS COISAS

Lilian Tone

Em 1966, me vi envolvido em uma espécie de composição com peças díspares de materiais industriais, conectadas em séries. A relação monótona entre as partes não continha grande energia ou convicção. Em resposta às minhas queixas sobre a escultura em geral, e sobre a incoerência das minhas em particular, George Sugarman disse algo como, “Bem, se você está tão insatisfeito com as partes todas, por que simplesmente não faz uma linha com um fio e resolve isso de uma vez?”¹

Fred Sandback tinha 23 anos em 1966. Foi então que fez, em seu estúdio na Universidade de Yale, os primeiros experimentos com linhas, que definiriam sua prática pelos 37 anos seguintes.

A primeira construção madura de Sandback com linha delineava um sólido retangular, semelhante

a uma viga de tamanho padrão, de 2 polegadas por 4, posicionada no chão. Ele chegou ao formato evitando convenções que considerava supérfluas e dispensando atributos intrinsecamente associados à escultura, como massa e peso, num processo de eliminação. “Foi um ato casual, mas pareceu abrir muitas possibilidades para mim. Eu podia definir um certo lugar ou volume em sua materialidade plena, sem ocupá-lo e sem obscurecê-lo.”² Essa forma de trabalhar oferecia uma maneira de abordar questões da escultura sem a carga incômoda dos materiais, e de envolver o espaço sem a performatividade da dança ou do teatro. Embora demarquem os espaços que habitam, suas obras os deixam, paradoxal e simultaneamente, intactos e transformados.

Ao longo de sua notável carreira, Sandback utilizou a linha no espaço para construir, articular e definir situações, no intuito de estimular no observador uma experiência de

1 Fred Sandback, “Remarks on My Sculpture, 1966–86”. *Fred Sandback: Sculpture, 1966–1986*. Munique, Fred Jahn, 1986. Disponível em: www.fredsandbackarchive.org/texts-1986-remarks.

2 Idem.

múltiplas camadas. Toda a sua obra escultórica se constrói a partir de uma linha esticada – um cabo de aço, um cordão elástico ou um fio acrílico – de um ponto até outro.

No início de seu percurso, Sandback havia criado configurações espaciais com cabos de aço e cordões elásticos. Por volta de 1973, os fios de lã acrílica tornaram-se seu material favorito, por oferecer elasticidade e resiliência suficientes, além de uma gama de cores. As obras eram cuidadosamente calibradas a fim de explorar “a tensão entre a aparente bidimensionalidade do espaço óptico e a tridimensionalidade tátil do espaço habitual.”³ Assim, elas atuam tanto dentro quanto entre essas dimensões, embora também contenham conotações de tempo, já que parecem transmutar-se, de forma contínua mas sutil, quando percebidas a partir de diferentes pontos de vista. A linha tornou-se o meio pelo qual desenho e escultura operam ao mesmo tempo.

Mais tarde, as obras de Sandback ganhavam complexidade em termos de formato e articulação, continuando a desafiar cada vez mais suposições sobre o que constitui a linguagem escultórica. O artista estimulava o observador a repensar conexões entre

forma, materialidade, processo, espaço e tempo. Às vezes, evocando a dimensão temporal, uma mesma obra se manifestava sequencialmente em múltiplas iterações. Numa espécie de coreografia baseada em um conjunto fixo de regras, o fio de lã era reconfigurado em um determinado leiaute, para depois voltar ao seu estado bruto, e se reconfigurar então numa nova estrutura, e assim por diante.

Acho que essa situação me atraiu inicialmente por me permitir jogar com algo que existe e não existe ao mesmo tempo. A coisa em si... era tão material quanto podia ser: um volume de ar e luz acima da superfície do chão. No entanto, a formatação que eu fazia daquilo, a forma e a dimensão daquela figura, tinham uma qualidade ambígua e transitória. Também era engraçada; tinha uma qualidade anedótica, do tipo “primeiro há uma montanha, depois não mais, depois há de novo...”⁴, só que ao contrário.⁴

Sandback faz referência aqui à canção “There Is a Mountain”, do compositor inglês Donovan, de 1967. A letra remete a um texto do mestre zen Qingyuan Weixin, do século 9, traduzido por D.T. Suzuki no livro *Ensaio sobre zen budismo*, um dos primeiros a difundir o budismo

3 “Fred Sandback: Where is the Sculpture?”. *Sans Titre: Bulletin d’Art Contemporain*, n. 16, 1992. Disponível em: www.fredsandbackarchive.org/texts-1992-interview.

4 Fred Sandback, “Remarks on My Sculpture, 1966–86”.

no Ocidente. “Quando comecei a estudar o zen, as montanhas eram montanhas; quando achei que havia entendido o zen, as montanhas deixaram de ser montanhas; mas quando cheguei a um conhecimento pleno do zen, as montanhas voltaram a ser montanhas.”⁵ Suzuki explica que, para quem estuda o zen, a percepção inicial das montanhas como entidades autônomas se transforma conforme elas se “dissolvem na unidade das coisas”, ou seja, são reconhecidas como parte da natureza, e não algo separado de nós. Essa compreensão permite que voltem a ser vistas como montanhas.

Diante das esculturas de Sandback, nossa experiência cognitiva passa por estágios parecidos. Num primeiro momento, o fio de lã é uma linha; então, uma escultura; aí a obra se afasta para revelar o contexto. Talvez se percebam primeiro suas qualidades representacionais, seus planos pictóricos e a forma como cria a ilusão de espaços e volumes pairando no espaço. Muitas vezes desenhando um plano ou volume geométrico, essas esculturas habitam uma sala com uma presença discreta e reverente, quase como se não estivessem inteiramente confortáveis

ali. Não só permitem olhar para o espaço onde estão, como o trazem assertivamente para o primeiro plano.

Quando abordamos essas obras, nosso foco se alterna entre o óptico e o tátil, conforme cresce nossa percepção da materialidade das linhas. A atenção se volta para a fisicalidade colorida e felpuda do fio de lã, a tensão manifesta mas discreta de sua elasticidade, seus pontos de contato com a parede e o chão, sua relação com os eixos arquitetônicos. Movendo-nos em volta e através delas, descobrimos que a percepção do espaço se altera. Conforme perambulamos, notamos como o espaço absorve os fios e é transformado por eles. Há um ponto em que nossa percepção abarca o todo: sala, espaço e fios se fundem em uma obra de arte integrada. “A totalidade da situação, eis aonde quero chegar. Minhas intervenções são geralmente modestas, talvez porque o interessante seja o momento em que as coisas começam a se fundir.”⁶

Ao aguçar a consciência das estruturas cambiantes que nos cercam, a obra de Sandback gera deslocamento e recolocação. Nosso corpo adota a função referencial de coordenada em relação a fios, teto, parede e chão. Diante da obra, nos percebemos e podemos nos experimentar como

5 Christmas Humphreys (org.), *The Complete Works of D.T. Suzuki: Studies in Zen*. Tiptree, Essex, The Anchor Press, 1955, p. 187.

6 Sandback, “Remarks on My Sculpture, 1966–86”.

parte dela. Ao criar generosamente um lugar para o observador, a obra flexiona a nossa condição de estar no mundo. “A extrema reticência da obra de Sandback não é algo que eu sinta como ato de retenção, mas sim de extraordinária generosidade”, observa a artista Andrea Fraser. “Ao se retirar a esse ponto, ele cria um lugar para mim. Não na frente, ao lado, ou dentro de sua obra... Ele cria um lugar para mim no interior da instituição em que a obra se encontra.”⁷

A obra de Sandback acentua nossa experiência material, psicológica e espiritual do aqui e agora, conferindo vida ao nosso entorno. Ao mesmo tempo, nossa existência se reafirma quando compartilhamos o espaço da obra de arte. Somos presenças bem-vindas em sua obra.

•

Esta exposição explora o espectro da obra de Sandback, os modos como dialoga com a arquitetura e as diversas estratégias criadas pelo artista, gerando notável vibração a partir de um toque levíssimo. Também nos dá oportunidade de observar como usa a cor para “tornar a peça mais recessiva ou agressiva, mais ruidosa ou mais suave, mais quente ou mais frágil – e equilibrar as

7 Andrea Fraser, “Why Does Fred Sandback’s Work Makes Me Cry?”, *Grey Room* 22, 2005, p. 45.

relações que obras diversas têm ao coexistir entre si e com um ambiente em particular.”⁸ A cor é escolhida para enfatizar propriedades que ampliam a experiência sensorial. Como Briony Fer sugeriu, Sandback funde a dicotomia entre gráfico e cromático ao apresentar a cor como linha e a linha como cor.⁹

A paleta de Sandback se limita às cores de lá comuns, encontradas no comércio. Ao adotar materiais industrializados e a repetição seriada de formas geométricas do minimalismo, o artista vai além das convenções da pintura e da escultura. Essa influência pode ser vista na busca de uma arte desprovida de narrativas e no compromisso de desenvolver uma linguagem escultórica que ocupa e incorpora o espaço envolvente.

Em Sandback, a aspiração do minimalismo de desfazer a distinção entre espaços da arte e da vida, dispensando barreiras entre obra e observador, se mistura à ideia de um lugar não-hierárquico, compartilhado com o observador, que o artista denominou “espaço pedestre”.

8 Citado por Joan Simon, “Fred Sandback: Lines of Inquiry”, *Art in America* 85, n. 5, 1997, pp. 86-93, 143. Disponível em: www.fredsandbackarchive.org/texts-1997-interview.

9 Briony Fer, “Sandback’s Color”. *Fred Sandback: Light, Space, Facts*. Munique, Londres, Nova York, Delmonico Prestel e Glenstone Foundation, 2016, p. 98.



FRED SANDBACK
*UNTITLED (CORNER
PIECE), 1967*

Fio elástico cinza,
45,7 x 172,4 x 172,4 cm.
Foto: Rebecca Fanuele.
Cortesia Marian Goodman
Gallery.

Ele a levou adiante ao despojar a escultura de sua corporalidade opaca. Como observou Rodrigo Naves, sua obra cria um espaço tão comum quanto diferenciado, capaz de oferecer uma multiplicidade de condições (pela delimitação, o desequilíbrio e a pontuação) dentro dos espaços mundanos que ocupa.¹⁰

Além da materialidade do fio, da trajetória da linha entre dois pontos, da geometria que demarca e do todo sugerido nesse remapeamento contextual, Sandback nos dá a possibilidade de uma compreensão experiencial única de como funciona nossa própria percepção.

TRADUÇÃO ALEXANDRE BARBOSA DE SOUZA

¹⁰ Rodrigo Naves, notas inéditas para “Fred Sandback: Conversation with John Rajchman”, out. 2010.

A obra de Fred Sandback reúne dois atributos que quase nunca andam juntos. Sofisticada, reinventa a escultura e altera nossa forma de perceber o espaço. Simples, não demanda qualquer conhecimento anterior; apreendê-la é quase inevitável. Antes de ser um cânone contemporâneo e um marco do pós-minimalismo, é uma experiência ao alcance de todos.

Despidas de qualquer matéria excedente, as esculturas de Sandback extraem sua potência do mínimo, do rigor e da sutileza. São arranjos de fios de lã acrílica comum, que condensam desenho e construção. É na integração com o ambiente e a arquitetura que elas acontecem. Não precisam, para existir, de um espaço puro, branco, separado do mundo.

Silenciosas, nos convidam a usar o corpo para explorar e redescobrir um espaço transformado por sua presença. Na contramão da ideia museológica que aparta público e obra, colocando a segunda em um pedestal real ou simbólico, lembram que há outras maneiras de usufruir da presença da arte que não seja *compreendê-la*. Diante da obra de arte, é possível ser o que se é.

É uma alegria receber as obras de Sandback no Instituto Çarê, um lugar que nasce da experiência prática do convívio com e entre as diversas linguagens artísticas. Reforçando a ideia de que um espaço cultural é aquele onde se produz cultura, uma programação de música, dança, capoeira e oficinas tira partido do ambiente redesenhado pelas esculturas.

INSTITUTO ÇARÊ



FRED SANDBACK
*UNTITLED (SIXTY-FOUR
THREE PART PIECES), 1975*

Lã acrílica ferrugem, relações espaciais estabelecidas pelo artista, dimensões variáveis. Vista da instalação na exposição *Fred Sandback*, Kunstraum, Munique, 1975. Foto: Albrecht Ohly.

Fred Sandback foi um dos artistas mais radicalmente inovadores que surgiram nos Estados Unidos no fim dos anos 1960. Ao lado de artistas de sua geração como Donald Judd, Carl Andre e Eva Hesse, Sandback reinventou a linguagem da escultura moderna, e continuou a desafiar as convenções da arte até morrer, precocemente, em 2003. A cada vez que as obras de Sandback voltam a ser instaladas, em novas exposições, esse legado de invenção escultórica é retomado e se aprofunda.

O Fred Sandback Archive foi estabelecido em 2007 como uma

fundação voltada a criar e manter um arquivo sobre a arte de Sandback, e a promover o legado histórico do artista com exposições e iniciativas relacionadas. É um prazer para o Archive colaborar com o Instituto Çarê nesse projeto expositivo singular, que apresentará as obras de Sandback a novos públicos, encorajando as comunidades a interagir com elas de uma forma criativa. Em 1999, Sandback descreveu sua escultura como “um desenho que pode ser habitado”. Nesse espírito, esperamos que, nos próximos meses, as pessoas se divirtam habitando as obras de Sandback.

FRED SANDBACK ARCHIVE

FRED SANDBACK (1943-2003) nasceu em Bronxville, Nova York. Após se graduar em filosofia pela Universidade de Yale, estudou escultura na Yale School of Art and Architecture. Entre 1981 e 1996, a Dia Art Foundation manteve um museu com obras do artista, o Fred Sandback Museum, em Winchendon (EUA). Incluída em importantes coleções e vista em instituições pelo mundo, sua obra integra a exposição permanente do Dia:Beacon, e tem a salvaguarda do Fred Sandback Archive (www.fredsandbackarchive.org).



FRED SANDBACK, 2000.

Foto: Thomas Cugini.
Cortesia do Fred
Sandback Estate.



FRED SANDBACK
*UNTITLED (FROM
TEN VERTICAL
CONSTRUCTIONS),*
1977-79.

Lã acrílica preta, relações
espaciais estabelecidas
pelo artista, dimensões
variáveis. Vista da instalação,
Fred Sandback Museum,

Winchendon, Massachusetts,
1981. Coleção Dia Art
Foundation, Nova York. Foto:
David Ludlow. Cortesia do
Fred Sandback Estate.

FRED SANDBACK

17.09 – 17.12

DE TERÇA A SÁBADO, DAS 13H ÀS 19H

ENTRADA E PROGRAMAÇÃO GRATUITAS

PROGRAMA PARALELO

PERFORMANCE MUSICAL

SHEN RIBEIRO

DIA 17.09, DAS 11H ÀS 15H

CANÇÕES INSTANTÂNEAS

OFICINA COM MAURÍCIO PEREIRA

DIA 07.10, DAS 18H ÀS 21H

MICRO

SHOW COM MAURÍCIO PEREIRA E TONHO PENHASCO

DIA 08.10, ÀS 20H30

GORÉE: ONDE O VELHO E O NOVO SE ENCONTRAM

ESPETÁCULO DE DANÇA COM A CIA COM.UNS

DIA 29.10, ÀS 20H

BATIZADO DE CAPOEIRA DOS ALUNOS DO ATELIESCOLA ACAIA

COM MESTRE ANDREZINHO, SANTA MARIA CDO

DIA 03.12, ÀS 14H30



FRED SANDBACK

*UNTITLED (RED FLOOR
PIECE), 1967.*

Cordão elástico vermelho e
finta acrílica vermelha sobre
aço, 4,1 × 11,4 × 670,6 cm.
Vista da instalação, estúdio
do artista, Yale School of
Art and Architecture, New
Haven, 1967. Cortesia do
Fred Sandback Estate.

FRED SANDBACK

CURADORIA

Lilian Tone

CONSULTORA CURATORIAL

Amy Baker Sandback

COORDENAÇÃO DE MONTAGEM

Amavong Panya

MONTAGEM

Rafi Achcar

Rildo Pereira

Miguel Freitas

Pablo Navero

EXPOGRAFIA

UNA Barbara e valentim

CENOGRAFIA

Metro Dois

DESIGN DE LUZ

Fernanda Carvalho Lighting Design

EQUIPAMENTOS DE LUZ

Santa Luz

IDENTIDADE VISUAL

Luciana Facchini

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Teté Martinho

TRADUÇÃO

Alexandre Barbosa de Souza

FOTOGRAFIA E EDIÇÃO

Lucas Cruz

COMUNICAÇÃO

Estúdio Voador

EDUCATIVO

Iberê Oliveira

REALIZAÇÃO



FRED SANDBACK ARCHIVE

VÍDEO

Fred Sandback

Christiane Meyer-Stoll

Fruitmarket Gallery

Edimburgo, 2006

LEGENDAGEM

Olhares do Beco

AGRADECIMENTOS

Rodrigo Naves

Neyde Kagueyama Tóth

Instituto Acaia

INSTITUTO ÇARÊ

DIREÇÃO INSTITUCIONAL

Ana Cristina Cintra

Elisa Bracher

GESTÃO EXECUTIVA

Bia Tóth

NÚCLEO DE ARTES VISUAIS

DIREÇÃO

Fabício Lopez

COORDENAÇÃO

Gabi Mariano

ASSISTENTE

Luiz Lira

FRED SANDBACK ARCHIVE

DIRETOR EXECUTIVO

David Gray

Todas as obras e textos
de Fred Sandback:

© 2022 Fred Sandback Archive

FRED SANDBACK

DE 17.09 A 17.12
DE TERÇA A SÁBADO,
DAS 13H ÀS 19H
ENTRADA E PROGRAMAÇÃO
GRATUITAS

INSTITUTO ÇARÊ

RUA DR AVELINO CHAVES, 138
VILA LEOPOLDINA
WWW.INSTITUTOCARE.ORG.BR

FRED SANDBACK ARCHIVE

